

RECONHECIMENTO CARTOGRÁFICO GUIADO POR CRIANÇAS: REGISTROS DE AFETIVIDADE NO BAIRRO DO DESTERRO, SÃO LUÍS/MA

Elisabete de Fátima Farias Silva ¹

Bianca Beatriz Roqué ²

Ana Rosa Marques ³

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma experiência de ensino e pesquisa que envolveu crianças do Bairro do Desterro e universitários do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão. A atividade integrou o projeto “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural”. Inspirado na fenomenologia como método, o reconhecimento cartográfico com crianças privilegiou os vínculos afetivos com o bairro e a percepção sensível do espaço. Durante a caminhada, as crianças guiaram os universitários por lugares significativos, registrando suas impressões por meio de fotografias, desenhos e narrativas. Os resultados foram discutidos em sala, em relatórios e em exposições fotográficas abertas à comunidade. A experiência geográfica mostrou que as crianças percebem tanto as belezas quanto as contradições do bairro, revelando uma cartografia afetiva e crítica. Para os licenciandos, o exercício promoveu reflexões sobre ensino, território e cidadania, valorizando o diálogo entre educação patrimonial, geográfico e modos de mapeamento cartográfico.

Palavras-chave: narrativas cartográficas; patrimônio cultural; educação geográfica.

ABSTRACT

This work presents a teaching and research experience that involves the children of the Bairro do Desterro and the universities of the Bachelor of Geography course at the State University of Maranhão. The integrated activity of the project “Participatory Inventory as an instrument for identification and management of cultural heritage”. Inspired by phenomenology as a method, or cartographic reconhecimento with privileged upbringings or emotional bonds with the environment and the sensitive perception of space. During the walk, the children will guide the university students through significant places, recording their impressions through photographs, drawings and narratives. The results were discussed in the classroom, in reports and in photographic exhibitions open to the community. A geographical experience showed that children perceive both the beauties and the contradictions of the land, revealing an emotional and critical cartography. For graduates, the exercise promotes reflections on education, territory and citizenship, valuing the dialogue between heritage, geographic education and cartographic mapping methods.

Keywords: cartographic narratives; cultural heritage; geographic education.

¹ Doutora em geografia. Realizando estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista CAPES. lisafariasgeouema@gmail.com

² Doutora em geografia. Docente na Universidade Federal do Amapá, Campus Oiapoque. À época bolsista CNPq pelo projeto. biancabeatrizroque@gmail.com

³ Doutora em geografia. Docente na Universidade Estadual do Maranhão. anclaros@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO: deixar-se ser guiado por uma criança

A atividade “Cartografias do patrimônio cultural: fotografias afetivas de crianças pelo bairro do Desterro” fora realizada em fevereiro de 2024, unindo crianças e universitários do curso de licenciatura em geografia, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). O objetivo do texto é, a partir da descrição dessa atividade que envolve pesquisa, ensino e tem caráter extensionista, refletir sobre modos de cartografar o lugar a partir da experiência geográfica. Considerar as lógicas autorais das crianças como oportunidade de reconhecimento e registro das percepções espaciais situadas na infância deseja reposicionar como, de que forma e com quais objetivos realizamos mapeamentos a formação docente dos licenciandos

Na época, as autoras do texto estavam vinculadas ao projeto nacional “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural⁴” que dispunha de quatro núcleos no Brasil estudando o patrimônio cultural em diferentes tipologias e perspectivas teórico-metodológicas, a fim de problematizar o manual de aplicação do inventário participativo (IPHAN, 2016a) e a portaria n. 137 que estabelece diretrizes de Educação Patrimonial (IPHAN, 2016b).

O bairro do Desterro, um dos onze bairros do Centro Histórico de São Luís (CHSL), Maranhão, foi a área de estudo escolhida do nosso núcleo e, desde então, buscamos nos aproximar do bairro para conhecer as referências culturais e dos sentidos de patrimônio atribuídos a partir dos seus habitantes (Souza, Silva, Marques, 2024).

Durante a vigência do projeto, de janeiro de 2023 a dezembro de 2025, o Núcleo São Luís realizou diversas atividades no bairro do Desterro, mas “Cartografias do patrimônio cultural...” foi a única que enfatizou a percepção das crianças, com o uso de diversas linguagens (registro inicial por fotografias, desenho de finalização da atividade, relatório escrito pelos universitários que participaram da atividade e partilha oral das experiências em campo em aulas subsequentes e duas exposições fotográficas e roda de conversa com outros habitantes do bairro a partir do registro fotográfico das crianças e universitários).

A ideia dessa atividade, em especial, surgiu a partir das discussões realizadas na disciplina de Cartografia Escolar, ministrada por uma das autoras à época no curso de graduação de licenciatura em geografia, da Universidade Estadual do Maranhão, visando o

⁴ O referido projeto foi contemplado pelo Edital Pró-Humanidades (chamada nº 40/2022), sob financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na Linha de pesquisa Projetos em Rede - Políticas públicas para a promoção da cultura (5B). Com vigência de janeiro de 2023 a dezembro de 2025, sob coordenação da Profª. Teresa Duarte Paes (Unicamp). Elisabete de Fátima Farias Silva recebe apoio financeiro da CAPES, com bolsa de pós-doutorado vinculada ao projeto, e Bianca Beatriz Roqué recebeu apoio financeiro do CNPq, também com bolsa de pós-doutorado, à época.

encorajamento a diversos modos, técnicas e agentes a serem envolvidos nos processos de mapeamento. Ideia que teve apoio da autora que ministrava a disciplina de Geografia Regional e trouxe contribuições a partir do escopo dessa disciplina, incentivando a participação dos graduandos no Desterro. Assim, “Cartografias do patrimônio cultural...” foi se formando enquanto uma atividade de pesquisa e de ensino colaborativa.

O objetivo da atividade foi realizar um reconhecimento cartográfico do bairro a partir do guiamento de crianças, considerando a afetividade de lógicas espaciais e autorias próprias (Holzer e Holzer, 2013; Lopes e Mello, 2017; Tuan, 1983), com registros em fotografia, desenho e narrativa (Almeida, 2015; Mourão e Cavalcanti, 2011). O guiamento em caminhadas-vivências sem roteiro pré-definido possibilitou compreender o lugar como experiência afetiva e relacional.

A fenomenologia em geografia, como nos lembra Yi-Fu Tuan (1983), enfatiza a centralidade da experiência vivida na construção dos sentidos de espaço e lugar. O convite de “deixar-se guiar por uma criança” é, nesse contexto, um deslocamento epistemológico: abrir-se a narrativa das crianças em sua corporeidade e permitir que ele conduza a percepção espacial. Esse gesto recupera a pergunta de Tuan (1983, p. 22): “Como uma criança pequena percebe e entende o seu meio ambiente? [...] qual é a qualidade do sentimento do mundo da criança? Qual é a natureza de suas afeições pelas pessoas e pelos lugares?”

Nesse horizonte, como fazer da atividade de reconhecimento cartográfico um exercício de estudo que provoque uma relação reflexiva e respeitosa entre adultos e crianças? Como aprender com as lógicas e experiências das crianças pode promover futuros professores de geografia engajados em práticas pedagógicas mais horizontalizadas, plurais e situadas com o envolvimento de diferentes sujeitos e contextos?

Estas e outras reflexões vão sendo acrescidas ao texto de acordo o relato da atividade “Cartografias do patrimônio cultural...”, para tanto organizamos as seguintes seções: “Lógicas espaciais autorais, cartografia e fenomenologia: um repertório a ser experienciado”; “O bairro do Desterro: postura fenomenológica de caminhadas-vivências como metodologia criativa do inventário participativo”; “A experiência como guia: registros cartográficos em narrativas, fotografias e desenhos” e, por fim, “Considerações caminhantes”.

METODOLOGIA

A atividade “Cartografias do patrimônio...” foi baseada no método fenomenológico voltada à educação geográfica no enlace de crianças e adultos, desestabilizando atitudes

apriori de papéis ou assuntos pré-estabelecidos durante a atividade de guiamento cartográfico. Assim, as relações espaciais que deveriam ser cartografadas foram aparecendo de modo mais espontâneo durante as caminhadas: espaços no bairro em que as crianças tem interesse em participar, mas por diversos motivos são desencorajadas; espaços adjacentes ao bairro que costumam brincar, estudar ou acompanhar seus responsáveis no trabalho ou outras ações sociais e culturais (como mercado, igreja, escola de samba, praças onde tem ensaios e shows culturais e etc); entre outros.

A composição da atividade pode ser dividida nas seguintes etapas e procedimentos metodológicos:

- (i) pré-campo: parceria com a instituição Casa do Bairro no Desterro;
- (i) em campo: relação entre crianças e universitários pelo bairro do Desterro com registros de narrativas, fotografias e desenhos com suas lógicas espaciais e autorias próprias;
- (ii) pós-campo: leitura e interpretação dos relatórios escritos dos 24 universitários participantes e conversa com os universitários em aula subsequente ao campo; e duas exposições fotográficas (na Casa do Bairro e no IESTI) como retorno à comunidade do Desterro e provocação de novas conversas sobre o reconhecimento cartográfico e a percepção espacial dos habitantes;
- (iii) levantamento e discussão bibliográfica acerca de fenomenologia e cartografia com ênfase em trabalhos já realizados com crianças no âmbito da educação geográfica e formação de professores.

No pré-campo, o projeto da atividade foi apresentado aos líderes comunitários do bairro do Desterro, para que estes estivessem envolvidos na tarefa de convidar as crianças a participarem do projeto e ajudassem na preparação do lanche do café da manhã e almoço, dando segurança e suporte necessários para que os responsáveis permitissem que as crianças participassem.

A Casa do Bairro está localizada no Desterro é uma instituição pública que desenvolve diversas atividades de assistência social gratuitas para crianças, jovens e idosos no bairro do Desterro e arredores, como cursos nas mais diversas áreas, atendimento médico, psicológico, acolhimento a famílias, ações comunitárias e eventos. Disso, incorporar a atividade nesse local facilitou sua realização.

Em campo, adotamos a proposta metodológica de caminhar e parar, como propõe o arquiteto italiano Francesco Careri (2017): “Quem perde tempo ganha espaço. Essa é a

máxima que, desde sempre, informou todas as caminhadas Stalker”, resume Careri (2017, p.82) acerca do projeto que desenvolveu por alguns anos, a partir de 1995, com um grupo de artistas e arquitetos romanos, a pé, em volta das zonas abandonadas de Roma, com registros por meio de fotografias, vídeo, mapa, diário de bordo e manifesto coletivo.

O pós-campo foi o momento de compartilhar as experiências. Tanto a escrita dos relatórios entregues pelos estudantes como parte avaliativa das disciplinas de Cartografia Escolar e Geografia Regional, quanto as aulas subsequentes em que os universitários comentaram abertamente sobre suas experiências pessoais com as crianças foi um momento de refletir sobre a atividade e as práticas pedagógicas advindas de uma postura fenomenológica com a cartografia que considere as crianças e suas lógicas autorais. Como cada adulto acompanhou uma ou algumas poucas crianças, esse momento do pós-campo provocou outras reflexões e integrou a atividade, expandindo as reflexões advindas com o campo.

Como devolutiva para as crianças e oportunidade para continuar conhecendo o bairro do Desterro, realizamos duas exposições fotográficas com os registros realizados pelas crianças e pelos universitários. Em uma das exposições, organizamos uma roda de conversa com idosos para provocar memórias intergeracionais – o que detalharemos na seção

A seguir, sistematizamos as etapas e identificamos a (inter)ação de cada uma delas enquanto intencionalidade da prática educativa:

PERÍODO	ETAPAS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	(INTER)AÇÃO
desde outubro de 2023	(i) pré-campo: início das disciplinas de Cartografia Escolar e Geografia Regional na UEMA, em que os estudantes puderam compreender teoricamente os conceitos e metodologias da pesquisa	Para começo de conversa, a concepção de ensino e pesquisa como metodologia de abordagem
17 de fevereiro de 2024	(ii) Campo: 30 crianças (de 5 a 13 anos de idade) + 24 universitários do curso de licenciatura em geografia (UEMA)	Deixar-se ser guiada pela prática pedagógica de caminhadas-vivências
março de 2024	(iii) pós-campo -relatórios dos universitários: avaliação dos relatórios escritos dos 24 universitários	Reconhecer o movimento das palavras
abril de 2024	(iii) pós-campo – aula com universitários: reflexões acerca do campo/relatório escrito em Cartografia Escolar	Escutar outras experiências e costurar os fios da trama
maio de 2024	(iii) pós-campo - curadoria e exposição fotográfica: Casa do Bairro e IESTI	Expandir e revisitar memórias/lugares
março de 2025	(iv) Discussão bibliográfica com as etapas anteriores: fenomenologia, cartografia com crianças e educação geográfica	Considerar múltiplos olhares e vivências

Quadro 1: Sistematização das etapas e procedimentos metodológicos da atividade “Cartografias do patrimônio cultural: fotografias afetivas de crianças pelo Bairro do Desterro”. Fonte: Organizado pelas autoras (2025).

LÓGICAS ESPACIAIS AUTORAIS, CARTOGRAFIA E FENOMENOLOGIA: UM REPERTÓRIO A SER EXPERIENCIADO

Existe uma certa negligência em considerar as aspirações das crianças nas questões sociais, educacionais e políticas. Por exemplo, quando uma comunidade é consultada a respeito de questões que irão afetar diretamente a vida cotidiana no local de moradia, costuma-se considerar a opinião de diversos grupos: mulheres, homens, jovens e idosos. No entanto, as crianças mormente são esquecidas – subsumidas nas aspirações de seus responsáveis legais, mas que, não necessariamente, compreendem e consideram-nas enquanto necessidades específicas. Disso, a presença e os interesses das crianças nem sempre serem consideradas na produção dos espaços públicos e isso faz com que elas tenham menos espaços garantidos para praticar a infância de modo seguro e compartilhado (Severcan, 2019).

Na área da educação, ocorre o mesmo. Na cultura cartográfica dominante é comum um adulto ser o responsável por mostrar um mapa pronto à criança e ensiná-la como se reproduz aquela representação espacial, já com normas pré-estabelecidas (configuração, cores, elementos obrigatórios, perspectivas possíveis). Ou, ainda, abordar exclusivamente certos tipos de mapas para certas idades, limitando o contato, leitura e criação de outros tipos de registros cartográficos ao desenvolvimento cognitivo pré-determinado por faixa etária.

Segundo Mourão e Cavalcante (2011, p. 210), “a criança não se diferencia somente de sua mãe, como aquela que supre suas necessidades, mas igualmente dos espaços que vivencia, que lhe pertencem e lhe trazem satisfações, contribuindo para definir suas experiências físicas e sua consciência como indivíduo”.

Todavia, como a lógica espacial de crianças pode incitar outros movimentos mais horizontais na educação geográfica? como as crianças de certa localidade, em sua vivência espacial, costumam compreender o seu bairro e efetivar seus registros, já que na escola, muitas vezes, a experiência e a afetividade não é considerado um conhecimento espacial validado? Como incentivar que os universitários licenciandos em geografia (futuros professores) aprendam já durante sua formação acadêmica a considerar as crianças como sujeitos espaciais com lógicas próprias? Como nós, adultas e professoras do ensino superior, podemos nos deslocar da superioridade acadêmica que, de modo arrogante, já sabe como e o que se fazer para ensinar e aprender? deixar-se ser guiado é uma tentativa.

Autores como Merleau-Ponty (1999) reforçam que a percepção é sempre encarnada: a infância não é apenas uma fase cronológica, mas um modo original de estar no mundo. A criança vive uma relação imediata, sensível e espontânea com o real - antes da racionalização e das convenções sociais. Ela experimenta o mundo com o corpo, em um diálogo direto entre percepção e ambiente. Essa abertura ao mundo faz da infância uma fonte de revelação sobre o próprio modo humano de existir.

Nesse horizonte, adotar a corporeidade dos diversos sujeitos como mote educativo e pedagógico apreende um movimento participativo de aprender uns com os outros.

Segundo o IPHAN (2016), a educação patrimonial deve ser entendida como processo dialógico e participativo, em que comunidades se reconheçam como protagonistas na preservação de seus bens e referências culturais. A atividade cartográfica no Desterro radicaliza essa diretriz ao valorizar a presença das crianças na produção de inventários culturais, deslocando-se de uma participação adultocêntrica.

Na educação geográfica, Cavalcanti (2013) aponta a necessidade de práticas que transcendam a transmissão de conteúdos e promovam leituras críticas do espaço. Quando as crianças registram praças, casarões abandonados, flores ou moradores de rua, elas produzem narrativas cartográficas que revelam tanto a materialidade quanto a dimensão simbólica do território vivido. Assim, o letramento geográfico (Callai, 2000) e o letramento cartográfico que considera a corporeidade, as vivências e os múltiplos sentidos e usos do espaço na conformação dos lugares considera o mapeamento a cartografia não apenas como representação técnica, mas como linguagem que dá vazão a experiência geográfica.

A geografia das infâncias questiona a invisibilidade das crianças na produção dos espaços urbanos (Severcan, 2019). Quando elas guiam adultos, suas lógicas espaciais (Lopes e Mello, 2017) se tornam centrais, revelando formas de apropriação que desafiam a racionalidade urbanística e escolar hegemônica.

A cartografia, nesse contexto, deixa de ser apenas técnica de representação normativa e passa a ser cartografia com crianças (Lopes e Mello, 2017): mapas afetivos, croquis, fotografias e desenhos que expressam uma autoria infantil. Essa abordagem dialoga com Certeau (1994), ao mostrar como os “usos do espaço” – os passos, desvios e olhares infantis – criam narrativas que subvertem a ordem imposta pelos mapas oficiais.

Todavia, ainda assim, é preciso estar atento a relação basilar entre adultos e crianças no processo de mapeamento e da concepção do fazer cartográfico resultante. Não entendemos os adultos como um tradutor ou intérprete das autorias e lógicas espaciais das crianças.

Para Holzer e Holzer (2013, p.94), uma cartografia da realidade humanista e fenomenológica, como proposto por Wood (1978), “não adianta recorrermos como adultos às nossas reminiscências infantis. Nossas experiências passadas embaçam com o passar do tempo”, como já pontuava Tuan.

Não adianta também nos remetermos à nossa pesquisa procurando fazer um “estudo” controlado a partir de “objetos” (as crianças), que naturalmente não são objetos e muito menos controláveis, pois sua vida está centrada no exercício da ação sobre as coisas. Tampouco nos parece proveitoso imiscuir-se no seu mundo a partir de parâmetros que constituem o mundo adulto, ou seja, tentar apenas penetrar neste conjunto de operações que visam a interpretação das cartas. Para levar a cartografia às crianças precisamos ouvir suas vozes, observá-las, participar de seu mundo, deixar que elas o construam a partir de seu arbítrio (Holzer e Holzer, 2013, p.94).

Todavia, se o texto de Holzer e Holzer (2013) voltado a cartografia para crianças com base fenomenológica e a produção de Lopes e Melo (2017) relacionada a geografia das infâncias nos dão apontamentos interessantes. Discordamos de ambos ao reproduzirem o argumento da limitação espacial vivida pelas crianças, esse argumento é recorrentemente empregado e está atrelado as generalizações decorrentes de um modelo único de infância.

“Evidentemente, este horizonte limitado, sob o ponto de vista do adulto, envolve um espaço de descobertas no qual a criança valoriza os menores objetos, seja uma formiga que atravessa o seu caminho, uma pequena pedra ou semente. Todas as suas experiências existenciais se referem à casa ou ao quintal que a rodeia”, afirmam, por exemplo, Holzer e Holzer (2013, p.100-101).

A depender do contexto de criação dessas crianças, a espacialidade da vivência pode variar tanto em extensão quanto intensidade. Estamos falando de infâncias em quais condições? Urbano, rural, apartamento, bairros populares adensados ... são crianças negras, brancas, indígenas, quilombolas... que ficam em casa sozinhas, exercem trabalho informal vendendo alimentos e objetos nas ruas sozinhos ou acompanhando algum de seus responsáveis? Estas crianças transitam pelo bairro/cidade a pé, de ônibus, veículo particular, bicicleta ou barco? Quais são as vivências culturais religiosas, econômicas e sociais dessas crianças, por exemplo? Estas são algumas das questões que nos motivam a situar as infâncias em seus contextos próprios, no intuito de nos desviar de generalizações e respeitar as lógicas autorais.

No caso da atividade Cartografias do patrimônio cultural: fotografias afetivas de crianças pelo bairro do Desterro", a multiplicidade das infâncias ficou explícita. Depois do pós-campo, em conversa com a turma de Cartografia escolar, os universitários que foram ao Desterro compartilharam seu espanto quanto ao nível de detalhamento e articulação de

temáticas e escalas que alguma das crianças mostraram durante a caminhada-vivência de guiamento. Citamos três destas situações a exemplo: a violência em algumas das ruas do bairro, com casos de assalto e assassinato, era referenciada por uma das crianças com muita propriedade, citando os nomes populares destas ruas e becos tal como são chamados pelos moradores adultos; a convivência com mercados e área comercial distantes do bairro do Desterro era uma referência espacial para outra criança, esta conhecia bem os percursos, os vendedores, mercadorias e as relações econômicas estabelecidas em diferentes áreas – mostrando ao adulto universitário, o que nem mesmo ele conhecia desses mercados; e o poscionamento de uma das crianças a favor da ocupação dos casarões históricos por moradores é uma outra referência espacial que mostra como as infâncias são múltiplas e os saberes e percepções devem ser bem situados.

Quanto a esta última situação, em particular, complementamos que a moradia é uma das pautas mais reivindicadas no Centro Histórico de São Luís por organizações populares na luta por direitos sociais frente ao patrimônio cultural de uma área tombada. O universitário no pós-campo relatou que a criança que fez o guiamento em sua companhia tinha uma fala bem marcada quanto ao direito de morar no CHSL, a criança ia mostrando os casarões no Desterro e contando sobre os moradores que invadiram e ainda residem em tais edificações de forma ilegal ou de outros casos em que os invasores foram retirados e as portas e janelas foram tampadas com cimento para barrar novas ocupações; a criança também mencionou que sem a preservação adequada dessas edificações centenárias, corria o risco de desabamento como acontece com certa frequência na área, dado o abandono e grave estágio de deterioração de alguns casarões coloniais no bairro do Desterro.

Com essas referências espaciais indicadas pelas crianças queremos destacar como é fundamental não subestimá-las em suas vivências e leitura de mundo e como a lógica espacial das infâncias e de suas autorias próprias devem se consideradas de maneira situada e articulada na escala individual e coletiva. Para tanto, promover práticas pedagógicas acolhedoras é fundamental. Nas seções seguintes, detalharemos as estratégias intencionais adotadas na atividade de reconhecimento cartográfico em tela.

O BAIRRO DO DESTERRO: POSTURA FENOMENOLÓGICA DE CAMINHADAS-VIVÊNCIAS COMO METODOLOGIA CRIATIVA DO INVENTÁRIO PARTICIPATIVO

O bairro do Desterro (Figura 1), um dos onze bairros que compõem o Centro Histórico de São Luís (CHSL), Maranhão, concentra muito da história colonial da cidade e da formação socioespacial de uma área que, historicamente, abrigou e abriga muitos migrantes, trabalhadores, artistas e manifestações culturais.



Figura 1: Localização do bairro do Desterro, no Centro Histórico de São Luís, Maranhão, e da área privilegiada de estudo do projeto “Inventário Participativo como instrumento para identificação e gestão do patrimônio cultural”, do qual as autoras participam. Fonte: Núcleo São Luís (2025).

Apesar de o CHSL ter grande parte de sua área sob tombamento estadual e federal, tendo sido, inclusive, reconhecido como patrimônio mundial pela UNESCO (1997) e ter passado por sucessivas transformações urbanas, o bairro do Desterro apresenta uma dinâmica particular. Em meio ao turismo do bairro da Praia Grande e da efervescência comercial do bairro Centro, o ritmo tranquilo de viver no Desterro - em que moradores, trabalhadores e frequentadores assíduos se conhecem pelo nome, transitando a pé por suas ruas e becos históricos -, complementa-se com a agitada cena cultural de um bairro que consegue atrair um

contingente de adeptos significativo (inclusive de outros bairros) para participar de suas atividades culturais.

O Desterro também se caracteriza por possuir uma população de baixa renda que, embora esteja em um sítio de assentamento ordenado com traçado e edificações coloniais, apresenta uma precariedade habitacional que perdura há séculos: muitas das construções estão em estado crítico de degradação e outras em ruínas; existem muitos pedintes que transitam no Desterro, pessoas em situação de rua e usuários de entorpecentes; parte do bairro acumula lixo pelas ruas, com vias e iluminação precárias; o trabalho informal e a falta de renda fixa também se somam nos aspectos sociodemográficos; a prostituição e venda de drogas é uma das questões contemporâneas que estigmatizam o bairro.

Ainda assim, como as crianças reconhecem o Desterro diante de tudo isso? Como seu cotidiano consegue mostrar laços afetivos e de sociabilidade tão caros àquele lugar que enche o sorriso das pessoas ao afirmarem “sou do Desterro”? Em que medida o bairro cartografado pelas infâncias que o habitam pode mostrar nuances ainda desconsideradas?

Nossa proposição em campo foi, justamente, incentivar a quebra de ideias pré-concebidas quanto ao bairro ao permitir que as crianças guiassem os universitários por um Desterro não retratado nos índices e nas comparações superficiais que desconhecem a dinâmica intracomunitária. A experiência como guia foi a motivação da atividade e foi sendo desvelada aos poucos.

A EXPERIÊNCIA COMO GUIA: REGISTROS CARTOGRÁFICOS EM NARRATIVAS, FOTOGRAFIAS E DESENHOS

Durante o processo de pesquisa do Inventário participativo, a Casa do Bairro se tornou uma instituição parceria de grande importância para o núcleo São Luís. Justamente, por reconhecê-la como uma conquista coletiva de acesso a serviços básicos gratuitos que oferece atividades culturais, artísticas e educacionais, a atividade de reconhecimento cartográfico buscou a Casa do Bairro como apoio para estabelecer um vínculo entre as crianças do bairro do Desterro e arredores assistidos pela instituição e os universitários do curso de geografia da UEMA.

Desde o início, a parceria foi fortalecida pela participação de moradoras do Desterro e de lideranças comunitárias, que se engajaram com entusiasmo na atividade e contribuíram na organização e preparo da alimentação destinada às crianças e aos universitários.

No dia 17 de fevereiro de 2024, a Casa do Bairro abriu exclusivamente para a atividade. Já que aos sábados a instituição que funciona como Centro de Referência a Assistência Social (CRAS) não tem expediente. Aos poucos, a manhã de sábado foi se enchendo de pessoas dispostas a caminhar pelo Desterro e a Casa do Bairro se tornou a referência primeira. Estiveram presentes 30 crianças do Bairro do Desterro com idades entre 5 a 13 anos que, se não moradoras do Desterro, eram frequentadoras assíduas. Compareceram 24 universitários que puderam ir ao campo, muitos dos quais desconheciam esse bairro do Centro Histórico.

A Casa do Bairro, de arquitetura em estilo bangalô, destaca-se na paisagem do Centro Histórico, em sintonia com seu projeto fundador e com as relações afetivas que marcam o lugar. É uma casa térrea, pintada de um azul-céu límpido como o ludovicense, com muretas baixas e amplos janelões que permanecem abertos durante o funcionamento da Casa. No quintal, uma mangueira centenária e frondosa sobressai com seu verde raro em meio à cidade edificada, oferecendo, sob sua vasta sombra, um convite irrecusável à parada. Os universitários e as crianças foram adentrando na Casa do Bairro, se conhecendo de maneira tímida e aos poucos se afinizando.

Às 7:30 tomamos café da manhã, contextualizamos a atividade e os objetivos e, na sequência, formaram-se duplas ou trios entre crianças e universitários de forma espontânea. Cada dupla saiu da Casa do Bairro para realizar uma caminhada pelo Desterro, com o trajeto escolhido pela criança. Durante a caminhada, as crianças iam relatando, em uma conversa informal, seus conhecimentos sobre o bairro – apresentando casas, ruas, becos, moradores, situações e acontecimentos, e os adultos tomavam nota e emprestavam o aparelho de celular para que as crianças fotografassem ou guiassem o olhar do adulto para fotografar o que achassem interessante de registrar durante o trajeto da caminhada.

O mapa a seguir (Figura 2) cartografa alguns desses trajetos, dos quais descreveremos os sentidos e referências mais citados entre crianças e universitários.

RECONHECIMENTO CARTOGRAFICO GUIADO POR CRIANÇAS NO BAIRRO DESTERRO E ARREDORES, CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS - 2024

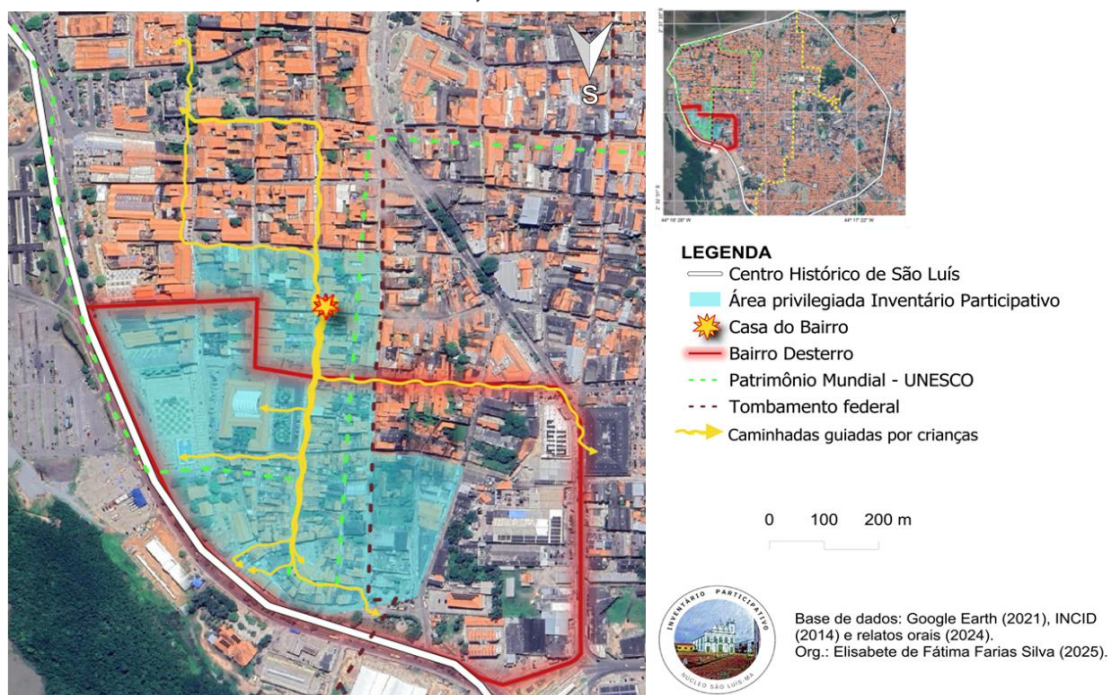


Figura 2: Trajetos percorridos no reconhecimento cartográfico com crianças e universitários na atividade em 17 de fevereiro de 2024. Fonte: Organizado pelas autoras (2025).

Ao mostraram lugares onde gostam de frequentar, lugares que não costumam ir com frequência, mas tem curiosidades, lugares que não gostam de passar perto e, ainda, lugares que dizem sobre a sua história familiar, a criança não exercia um monólogo. Os adultos também iam comentando, lembrando suas infâncias e seus lugares. Disso, a atividade não foi uma cartografia de crianças ou para crianças, mas com crianças – com o intuito de estabelecer uma relação de vínculo e segurança entre crianças e adultos (Figura 3).



Figura 3: Alguns momentos do reconhecimento cartográfico com crianças no bairro do Desterro, no Centro Histórico de São Luís, Maranhão. Fonte: Cedidas pelos estudantes nos relatórios de campo. Organização das autoras (2025).

Muitas das crianças guiaram os universitários em seus lugares preferidos no Desterro: as praças. Praticamente todas as 30 crianças, entre 5 e 13 anos, levaram seu par adulto a uma das praças do Centro Histórico de São Luís: praças das Mercês (grande, nova e reformada, com vários equipamentos de lazer como quadra de esportes, pista de skate, aparelhos de ginástica, mas nenhuma sombra ou parquinho infantil), praça da For do Samba (ponto de encontro da comunidade do Desterro, com dois bares e restaurantes muito movimentados pelos moradores e o barracão da Escola de Samba Flor do Samba, sombra apenas próximo dos bares, com uma arquibancada e espaço de ensaios e apresentações culturais) e outras pequenas praças ao redor (uma próxima da área conhecida como Portinho, com balanço quebrado e outra no bairro da Praia Grande com um busto de uma estátua de referência histórica e um bom piso para andar de bicicleta).

A atividade mostrou que o olhar da criança não se esquece do lixo, da sujeira e dos buracos, mas tão pouco deixa passar as flores, borboletas e pinturas coloridas do Desterro. O olhar da criança não naturaliza o morador em situação de rua e os usuários de droga. O passo curto da criança faz questão de apontar os becos antigos e os casarões abandonados, mas também moradias dignas e a vontade de circular em todos os espaços possíveis, sem nenhuma restrição ou barreira.

Ao retornarem para a Casa do Bairro, por volta das 11 horas da manhã, as crianças desenharam o que foi mais significativo na caminhada e conversaram sobre mais este registro. Ao final, foi servido almoço para todos os participantes por volta das 12 horas.

Após a atividade do campo, os universitários entregaram um relatório escrito com o reconhecimento cartográfico do bairro a partir do guiamento de crianças, considerando sua afetividade, registro em fotografia, desenho e narrativa. A partir dos resultados desta atividade, é possível realizar algumas reflexões sobre a prática docente, o ensino de Geografia, o patrimônio cultural e o conceito geográfico de lugar.

O desdobramento dessa atividade repercutiu entre os universitários nos relatórios escritos e na retomada da experiência em aula na UEMA (Figura 4). Os graduandos em Geografia realizaram reflexões sobre esta experiência que certamente os impactou na construção de suas identidades docentes e em suas práticas enquanto pesquisadores.



Figura 4: Aula com uma parte dos universitários da disciplina de Cartografia Escolar após o campo no bairro do Desterro, Centro Histórico de São Luís, Maranhão. Mapas, desenhos, narrativas e relatórios sendo discutidos a partir da experiência geográfica no reconhecimento cartográfico. Fonte: As autoras (2024).

Com a turma de Geografia Regional, a professora responsável entende que a experiência de realizar essa atividade em conjunto com as crianças do bairro do Desterro foi muito enriquecedora para os participantes. Na partilha das experiências pós-campo, uma das discente da disciplina de Geografia Regional, 2024 relatou que: *“Eu nunca tinha pensado nisso, mas a partir de agora, todas as vezes que passar em frente a esta casa, vou me lembrar de um chiclete. Quando alguém faz um comentário sobre a paisagem, e expõe suas percepções, ainda que sejam sonhos, fantasias, imaginações, passamos a mudar o nosso olhar sobre a paisagem, e passamos a apreciar a partir da perspectiva do outro. É o que eu chamo de “partilhar paisagens”.*

Essa mesma discente ainda afirmou: *“Eu já fui até o Convento das Mercês diversas vezes, mas nunca havia reparado que haviam borboletas. O olhar sensível das crianças nos faz refletir o quanto deixamos passar despercebido detalhes tão sutis do cotidiano”.*

Essas reflexões acerca da atividade conjunta realizada com as crianças nos faz perceber a importância de ter vivências integradas entre os moradores e os visitantes, que no caso, foram os alunos vinculados às disciplinas, existe uma soma de experiências em ambos os lados, o caminhar com mais tranquilidade e pertencimento ao lugar por parte das crianças e essa percepção se transferiu ao acompanhante (o universitário) que se colocou como um observador participante da ação prática que foi realizada.

Posteriormente a realização da atividade, foi discutido em sala de aula e surgiram algumas sugestões por parte dos universitários que participaram da atividade: 1- sugeriram que esse tipo de dinâmica fosse feita regularmente, pois todos gostaram e tiveram uma

interação com as crianças da comunidade que mostraram um pouco mais das suas rotinas, espaços e histórias. Destacaram também que é importante envolver a comunidade para que se possa vivenciar mais acerca das vivências e singularidade da região estudada.

Ressaltaram que a atividade de campo é uma prática de ensino disponível para os educadores, em especial aqueles que têm o espaço como objeto de estudo. Associada com outras atividades, tais como aulas expositivas na sala, permitem a exploração de conteúdos, de sentimentos e atitudes que enriquecem o aprendizado. O trabalho de campo permitiu o contato direto do aluno com o ambiente natural, a interação do corpo para explorar os lugares permite a análise, a reflexão, fazendo com que o educando tenha maior capacidade de aprender e reter as informações.

A atividade de campo permite que o aluno se sinta protagonista do seu ensino, sendo um elemento ativo e não apenas um receptor de conhecimento. Permite que o educando amplie seus relacionamentos sociais, em especial com o professor e com os demais da turma. O companheirismo resultante da experiência em comum e da convivência agradável entre os sujeitos antes, durante e depois da atividade.

Por fim, duas exposições fotográficas posteriores ocorreram com os registros das crianças (06 a 17 de maio de 2024 na Casa do Bairro e, na sequência, 19 a 23 de maio no IESTI). Na Casa do Bairro, a inauguração foi realizada com a participação de um grupo de cerca de 30 idosas frequentadoras dessa instituição, algumas dessas também moradoras, o que disparou experiências intergeracionais muito significativas entre a memória da infância registrada nas fotografias e paisagens atuais e as memórias das infâncias dessas senhoras com paisagens e valores de outrora – uma das problemáticas que compreendem a educação patrimonial.



Figura 4: Exposição fotográfica na Casa do Bairro. Fonte: As autoras (2024).

No IESTI, instituição também no Desterro e parceira do Núcleo São Luís, que atende um público jovem mais diversificado, a exposição atendeu o propósito de expandir a atividade para além da Casa do Bairro, trazendo as cartografias da infância e sua percepção do bairro para o primeiro plano.



Figura 5: Convite para exposição fotográfica na IESTI e curadoria e montagem do painel expositivo. Fonte: As autoras (2024).

De acordo com a proposta do IPHAN (2016a, p.7) “Inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local”. O inventário – que foi a base inicial para a atividade de pesquisa e de ensino de reconhecimento cartográfico do bairro do Desterro – almeja corroborar com a “valorização das referências culturais brasileiras, assim como servir de fonte de estudos e experiências no contínuo processo de aprendizado”.

Encarar os sentidos e usos do patrimônio cultural como modo de conhecer o lugar e suas dinâmicas próprias compõe a educação Patrimonial que se realiza em processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica (IPHAN, 2016b).

Construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas exige, acima de tudo, reconhecer os sujeitos e a multiplicidade de processos envolvidos na valoração dos lugares. Disso, a cartografia com crianças, as caminhadas com universitários e exposição fotográfica com idosas se mostrou uma atividade integrada e colaborativa sensível e potente para provocar outros modos de mapeamento do lugar.

CONSIDERAÇÕES CAMINHANTES

A atividade “Cartografias do patrimônio cultural: fotografias afetivas de crianças pelo Bairro do Desterro” foi uma atividade que nos proporcionou articular o projeto de pesquisa com experiências no ensino de Cartografia Escolar e Geografia Regional, e de caráter extensionista compartilhando práticas e resultados com a comunidade do Desterro.

A experiência do Desterro também se mostrou potente como prática formativa para a licenciatura em Geografia. Ao se deixarem guiar pelas crianças, os futuros professores deslocam-se de uma posição hierárquica de detentores do saber e experimentam o que Paulo Freire (1996) chama de ato dialógico: aprender com os sujeitos, reconhecer o valor da experiência e assumir a humildade epistemológica.

Esse processo contribui para a construção da identidade docente, pois articula ensino, pesquisa e extensão em uma prática territorializada e afetiva. Os licenciandos, ao refletirem sobre a experiência em relatórios e exposições, exercitam uma postura crítica diante da cartografia escolar tradicional, questionando limites e abrindo-se a metodologias mais sensíveis.

A articulação entre educação patrimonial, educação geográfica, geografia das infâncias, cartografia e formação docente aponta para uma pedagogia geográfica fenomenológica e crítica. Essa pedagogia valoriza o lugar vivido como patrimônio, reconhece a criança como sujeito epistêmico, reinventa a cartografia como linguagem plural e promove a formação docente como prática situada, sensível e transformadora.

O projeto do Desterro permitiu que crianças revelassem suas formas de habitar o espaço: apontaram o lixo e os casarões abandonados, mas também as flores, borboletas e lugares de brincar. Esse olhar não naturaliza a exclusão social, mas tampouco invisibiliza a beleza e a vida pulsante no Desterro. Tais registros ampliam a noção de patrimônio cultural, ao incorporar dimensões afetivas e narrativas que dificilmente seriam captadas por inventários oficiais.

Para os licenciandos em Geografia, a experiência representou uma ruptura com a cartografia escolar tradicional. Ao invés de mapas prontos, as crianças produziram mapas sensíveis, que expressam não apenas localizações, mas histórias, memórias e afetos. Assim, a prática fortaleceu a compreensão de que ensinar Geografia implica também criar condições para que os sujeitos se reconheçam no território.

Essa experiência evidencia que a educação patrimonial e a educação geográfica podem colaborar. Ambas podem se articular em uma pedagogia fenomenológica e crítica, que

valoriza o território como espaço educativo, promove a participação social e reconhece as crianças como protagonistas.

Assim, é possível afirmar que a cartografia afetiva das infâncias constitui uma prática que une ensino, pesquisa e extensão, promovendo tanto a valorização dos lugares quanto a formação crítica de professores e estudantes. Mais que inventário cultural, trata-se de exercício de cidadania e de reinvenção pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. O espaço, a criança e o brincar. In: SIEBRA, L; ALMEIDA, M. **O espaço público: diferentes usos e possibilidades**. Assis. São Paulo: Storbem Gráfica e Editora, 2015.
- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Trad. de Frederico Bonaldo. São Paulo: GG Brasil Editora, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 25ª ed, São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOLZER, W.; HOLZER, S. Cartografia para crianças: qual o seu lugar? **Geograficidade**, v. 3, n. Especial, p. 93–104, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ur/geograficidade/article/view/12877>>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- IPHAN. **Educação patrimonial: inventários participativos - manual de aplicação**. Brasília, DF: IPHAN, 2016a.
- IPHAN. **Portaria n. 137 de 2016**. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. Brasília, DF: Iphan, 2016b. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf>. Acesso em: 27 set. 2023.
- LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. Cartografias com crianças: lógicas e autorias infantis. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 67-78, 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MOURÃO, A.; CAVALCANTE, S. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. (orgs.) **Temas básicos da Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SEVERCAN, Y. C. Residential relocation and children's satisfaction with mass housing. **Metu journal of the faculty of architecture**, Turquia, v. 36, p. 61-84, 2019. Disponível em: <<https://jfa.arch.metu.edu.tr/uploads/docs/sayilar/sayi-36-1/metujfa2019101.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2025.
- SOUZA, J. A. X.; SILVA, E. F. F.; MARQUES, A. R. Bairro Desterro, Centro Histórico de São Luís do Maranhão: valores e sentidos do patrimônio cultural In: SOUZA, J. A. X.; PAES, M.T. D. (Orgs.). **Abordagem geográfica do patrimônio cultural**. Campinas: Amazônia Bookshelth, 2024.

SOUZA, José Arilson Xavier de; SILVA, Elisabete de Fátima Farias Silva (Orgs.). **Patrimônio cultural do bairro do Desterro:** laços afetivos e comunitários no habitar o Centro Histórico de São Luís /MA - Dossiê

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WOOD, Denis. Introducing the cartography of reality. In: LEY, D.; SAMUELS, M. S. (Orgs.) **Humanistic Geography:** prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978, p. 207-219.